

PSICANÁLISE É O NOME DE UM TRABALHO¹

*Luiz Augusto Celes**

RESUMO

Este texto é parte integrante de uma investigação em busca do sentido da psicanálise, ou dos sentidos que ela possa apresentar. Busca-se justificar e apreender o sentido originário e fundamental da psicanálise. Enfoca-se a compreensão freudiana que a entende inicialmente como uma intencionalidade puramente terapêutica, mostrando-se que, antes de constituir-se como conhecimento, a psicanálise é assumida como ato, isto é, trabalho de tratamento da neurose. “Psicanálise” foi o nome dado por Freud a esse trabalho. Em conclusão, discute-se o sentido desse trabalho, cujo nome permite circunscrever, apontando-se o seu método e o seu objeto.

Palavras-chave: sentido da psicanálise, terapêutica, trabalho, “-análise” de psicanálise, “psico-” de psicanálise

ABSTRACT

PSYCHOANALYSIS IS THE NAME OF A LABOUR

This text is part of an investigation on the meaning of psychoanalysis, or the meanings it may(can) present. It aims to justify and apprehend the originary and fundamental meaning of psychoanalysis. Freudian comprehended psychoanalysis as having a purely therapeutic aim. Before consisting of knowledge, psychoanalysis was understood as a therapeutic act, that is, as labour of treatment of the neurosis. This labour circumscribed by the name – “psychoanalysis” – is discussed, and its method and object are pointed out.

Keywords: meaning of psychoanalysis, therapeutic, labour, “analysis” of psychoanalysis, “psycho-” of psychoanalysis

* Psicanalista; Professor titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília; Doutor em Psicologia Clínica.

1. SIGNIFICAÇÃO E VALOR DA PSICANÁLISE COMO INTENCIONALIDADE TERAPÊUTICA

A psicanálise constituiu-se, inicialmente e nas palavras de Freud (1925e, *AE*: 228; *SB*: 266) como “uma intencionalidade puramente terapêutica”, na busca de “um novo tratamento eficaz para as enfermidades neuróticas”. Freud (1919a) até mesmo afirmou ser essa “intencionalidade terapêutica” a sua mais importante significação, devendo-se a ela o prestígio da psicanálise na sociedade dos homens. Dessa maneira, parece que a intencionalidade terapêutica da psicanálise não somente designa seu sentido primeiro, mas também seu motivo de existência e seu valor, o que nos leva a afirmar que um sentido ético está fundamentalmente estabelecido desde a origem da psicanálise².

Neste momento, no entanto, não interessa reanimar as infundáveis discussões sobre a ética em psicanálise, mas somente fazer uma aproximação de tal questão para dar fundamento à abordagem do sentido da psicanálise a partir de seu entendimento como trabalho de tratamento. Isso que é, afinal, o objetivo deste texto.

A tendência de etificação da interpretação da psicanálise tem obedecido ao propósito de fazer um deslocamento da preocupação epistemológica para a preocupação ética, uma vez constatado o difícil enquadramento do estatuto científico da psicanálise. No entanto, esse propósito acaba por manter a psicanálise circunscrita na dualidade “saber *versus* valor”, o que não a distingue de grande parte das tradicionais reflexões sobre as ciências que se constituíram na modernidade. Seja sob o abrigo epistemológico ou ético, tais reflexões caracterizam-se por constituir meditações “sobre...”, ou seja, que se sustentam na diferença entre a natureza da meditação (epistemológica ou ética) e a disciplina sobre a qual se medita, tomada como objeto da meditação. Nessas tradicionais abordagens, as ciências – e, no caso específico que discutimos, a psicanálise – permanecem alheias à meditação, ausentes da determinação do caráter da própria reflexão.

A afirmação freudiana de que o valor da psicanálise é a sua intencionalidade terapêutica introduz um ponto de partida para a reflexão sobre o sentido da psicanálise que toma outro caminho que não os acima indicados, constituídos na modernidade. A afirmação freudiana indica a possibilidade de se comporem meditações propriamente psicanalíticas sobre o valor da psicanálise. Sendo tal valor a sua intencionalidade terapêutica, precisamente o que constitui sua significação originária e fundamental, o discernimento dessa intencionalidade da psicanálise revelará seu sentido e, ao mesmo tempo, constituir-se-á uma reflexão ética. Se o valor da psicanálise está naquilo que faz, perguntar-lhe o

que faz é dirigir-lhe uma pergunta de caráter ético – a resposta, esta será psicanalítica. A meditação sobre o que a psicanálise faz, sobre o seu valor, portanto, é uma meditação que não se distancia da própria psicanálise acrescentando-lhe valor ou moldando-a segundo considerações éticas alheias. A afirmação freudiana acima repetida fornece, assim, um ponto de partida para uma ética psicanalítica.

Com isso não se quer somente justificar a antecipação da reflexão ética em detrimento da reflexão epistemológica. A formulação do tipo “pensar o sentido da psicanálise pelo seu valor é pensá-la eticamente” apenas tem cabimento como reveladora do sentido da psicanálise se esse valor for especificado: deve-se tomar, pois, a intencionalidade terapêutica como o valor da psicanálise, como o que lhe confere sentido.

Nestes primeiríssimos passos da investigação sobre o sentido da psicanálise, procura-se mostrar que caracterizar o ato terapêutico da psicanálise leva a uma aproximação de seu *ser* – sua interpretação e sua tematização –, portanto, uma aproximação ao seu sentido. Assim, a proposta que aqui se toma não é a de delimitar o sentido ético da psicanálise, embora o trabalho a realizar seja uma maneira de se chegar a isso. O que de fato interessa é uma abordagem da psicanálise como “intencionalidade terapêutica”, ou seja, como tratamento das enfermidades neuróticas.

São tantas as propostas de terapia das neuroses – e a psicanálise nasceu em confronto com algumas delas (cf. Freud, 1905a) – que falar da intencionalidade terapêutica como sentido originário da psicanálise é ainda muito pouco e insuficiente para caracterizá-la. É necessário estimar essa terapêutica buscando suas particularidades, para circunscrever de maneira mais precisa o que se pode entender por psicanálise, na acepção originária dentro da qual Freud a designa.

A investigação que se segue empenha-se numa compreensão positiva da psicanálise e, interpretando sua significação inicial, procura estabelecer a condição originária ou os fundamentos nos quais a psicanálise se assenta, fundamentos esses que permanecem até seus desenvolvimentos mais tardios. Mas que também fundamentam os aspectos da psicanálise que a constituíram como pesquisa e conhecimento. Neste texto, busca-se delimitá-la legitimamente como ato, isto é, trabalho. Como plano seqüencial destas investigações, tratar-se-á da caracterização desse trabalho para se chegar, posteriormente, ao sentido da psicanálise como pesquisa dos processos inconscientes e como conhecimento desses mesmos processos. Assim, este texto trabalha com a questão: o que é psicanálise, originária e fundamentalmente?

2. INTERPRETAÇÃO DA PSICANÁLISE COMO INTENCIONALIDADE TERAPÊUTICA

A) PSICANÁLISE É ANTES TRABALHO QUE CONHECIMENTO

É notável que Freud entenda a psicanálise como procedimento de tratamento, antes mesmo de compreendê-la como conhecimento ou teoria. Ao vir de Freud – precisamente aquele que inicia e legitima a preocupação teórica em psicanálise –, a anterioridade do ato psicanalítico ganha importância plena. Assim, afasta-se a idéia de que o privilégio dado à “clínica” seja característica de alguma escola psicanalítica posterior a Freud. Na primeira das chamadas obras psicanalíticas, os *Estudos sobre a histeria*, é como procedimento de tratamento da neurose que Freud e Breuer (1895d) introduzem a psicanálise.

Realmente, os *Estudos...* mostram uma série de casos de cura de histeria; alguns deles, senão todos, tornaram-se famosos e constituem referências, até hoje, para o entendimento do trabalho de análise. Os *Estudos...* são concluídos com o capítulo “A psicoterapia da histeria”, onde Freud estabelece, de forma descritiva, o sentido geral do trabalho que ele e Breuer descobriam e inventavam. Pois é isso o que embasa a compreensão inicial da psicanálise como uma intencionalidade terapêutica: trata-se de um *trabalho* – a psicanálise não nasceu como projeto de conhecimento, mas como efetivo trabalho de cura dos sintomas histéricos.

Em “Novos caminhos da terapia psicanalítica”, Freud (1919a) nomeia de “trabalho” a psicanálise na seguinte passagem: “Temos chamado psicanálise o trabalho [*die Arbeit*] por cujo intermédio levamos à consciência do enfermo o anímico nele recalcado” (Freud, 1919a, *AE*: 155; *SB*: 201; *AS*: 241). *Arbeit* tem o significado de “trabalho”, como conceito da física, mas também implica “labor”, isto é, trabalho humano. *Arbeit* tem por sinônimo *Tätigkeit*: “atividade”, “ação”. *Psicanálise é o nome de um trabalho*; o que sugere a expressão, para designá-la dando ênfase a esse seu primeiro sentido, *trabalho psicanálise*, como uma contração da proposição “trabalho que é a psicanálise”.

A designação “método de psicanálise” também é utilizada por Freud, e isso no início de sua obra³. Mais ainda: em, por exemplo, “Sobre psicoterapia”, Freud (1905a) trata a psicanálise como método – ao lado de outros métodos de psicoterapia – e, em um determinado momento, se refere a ela como “o método analítico da psicoterapia” (*die analytische Methode der Psychotherapie*) (*AE*: 249, *SB*: 270, *AS*: 111). Porém as expressões “método de psicanálise” ou “método analítico da psicoterapia” mostram bem que a psicanálise não se qualifica como um método, mas, ao inverso, como qualificativo de um método. “Psicanálise”, na expressão “método de psicanálise”, nomeia o modo do método, caracterizando-o: apreende-se que esse método é analítico. Trata-se de *psico-análise*, de análise psí-

quica, para lembrar uma outra denominação tentada por Freud, antes de chamá-lo “psicanálise”. “Psicanálise” assinala, portanto, a ação desse método – o trabalho –, de tal modo que se pode interpretar a expressão “método de psicanálise” como “método de trabalho”. Assim, psicanálise não denomina o método, mas o trabalho que o informa: um trabalho específico, o de análise.

Essa concepção de método contraria a idéia originária estabelecida na filosofia do conhecimento: nesta, o método é procedimento controlado de construção de conhecimento. Ou seja, o método é procedimento controlado de observação, pois é por meio dela que se erige o conhecimento. Na psicanálise, no entanto, o método é procedimento controlado de trabalho, de transformação, de “manipulação”, de ação, com efeitos específicos – inicial e basicamente, o efeito de remoção dos sintomas neuróticos. A psicanálise deixar-se-ia caracterizar, pois, mais como *técnica* que método.

O *trabalho psicanálise* é um trabalho controlado, um trabalho específico: não é qualquer trabalho. Sua especificidade pode ser caracterizada pelas regras que o controlam; aliás, trata-se de uma única regra básica, a da *associação livre*. Ela é a regra psicanalítica fundamental (*psychoanalytische Grundregel*) a nortear o trabalho psicanálise, e de um modo específico, com um fim determinado. Se a questão sobre o *fim* – objetivo ou meta – da psicanálise sugere múltiplas respostas, pode-se afirmar que esse fim não é a observação. O *fim* do método de trabalho chamado psicanálise, guiado pela associação livre, não é constituir um campo privilegiado de *observação* do psiquismo daqueles que se submetem a esse trabalho: não se buscam condições de observação do psiquismo, seja do analisando ou do analista.

A multiplicidade de respostas para o que constitui o fim da psicanálise não significa que se esteja incerto quanto ao seu objetivo ou a haver efeito ou meta no trabalho psicanálise (aqui há referência à meta concreta, ao ponto a que cada análise chega, e não à “meta” como horizonte imaginário ou conceitual do fim da psicanálise). As múltiplas respostas para o fim da psicanálise indicam, isso sim, que em cada interpretação se revela alguma coisa da verdade psicanalítica, encobrindo-se, não obstante, outra forma de sua tematização. Explica-se: é que, a cada revelação temática do fim da psicanálise, impõe-se uma ocultação, exigindo-se sempre um esforço continuado de reflexão. Aliás, isso não é característica somente da reflexão sobre o objetivo da psicanálise. Após cem anos de sua criação, a retomada de um projeto de empreender a busca do sentido da psicanálise reproduz a mesma característica essencial: ela se justifica pela ocultação que implica uma clarividência. Revisitando a psicanálise, suas origens, julgou-se que seu sentido fundamental de trabalho ocultara-se em sua história, em favor de sua apreensão como teoria ou como pensamento e, mesmo, como aplicação. Uma ocultação dessa ordem não é absoluta. Na história da psicanálise, a presença de seu caráter

de trabalho apareceu na proeminência dada à “clínica” em algumas das mais influentes escolas de psicanálise. A “clínica” parece ocupar esse preciso lugar da presença do trabalho que é a psicanálise e ser um deslocamento de sua ênfase. Nesta pesquisa, pretende-se alcançar, inclusive, o que se ocultou com a clínica e que permita fundamentalmente articular o sentido da psicanálise como prática e como teoria. Certamente outras considerações serão encobertas, não se podendo colocar toda a psicanálise na clareira de nossos entendimentos.

O trabalho de investigação do sentido da psicanálise e o trabalho psicanálise são dois modos de trabalho que se assemelham e pedem renovadas reflexões. Para se cumprirem as duas tarefas neles implicadas, retorna-se às origens da psicanálise, seja com a volta às obras originárias, seja revisitando seu “lugar” primordial, a análise. Por isso é corriqueiro dizer que a psicanálise se constrói de novo – ainda que não exatamente a mesma coisa – em cada análise. Tal assertiva reafirma a interpretação da psicanálise como trabalho – e é nesse trabalho, e fundamentalmente nele, que a psicanálise se constitui.

No momento inicial da compreensão da psicanálise, pode-se dizer que a sua finalidade foi terapêutica. Segundo formulação de Mezan (1995: 27), perseguia-se “a cura prática do doente (*die praktische Genesung des Kranken*)”⁴. Observe-se, no entanto, que a investigação aqui proposta não fez ainda uma primeira aproximação do significado dessa terapêutica. A abordagem desse segundo aspecto notável da compreensão freudiana da psicanálise em sua origem é a tarefa seguinte.

B) O TRABALHO DE QUE SE TRATA É O TRATAMENTO CHAMADO PSICANÁLISE

Avançando-se nesta progressiva aproximação do sentido da psicanálise como trabalho, buscar-se-á uma caracterização semântica do “tratamento” de que fala Freud em sua obra para, em seguida, distinguir o termo “psicanálise” – na medida em que ele encerra em si o “objeto” (ou “material”) do trabalho (*psique*), o “meio” no qual o trabalho se efetiva (o psíquico, também contido em *psique*) e o “método” do mesmo trabalho (*análise*).

Tratamento, cuidado e cura. Nas citações mencionadas, Freud faz uso do termo “tratamento”. É a denominação que Freud (1913c) também utiliza para cunhar uma de suas obras, “Sobre o início do tratamento” [*Behandlung*]. *Behandlung* possui o sentido de tratamento médico; o termo é empregado, por exemplo, na expressão “tratamento por penicilina”. Pode significar, ainda, “cuidados” (os cuidados votados a uma enfermidade), sendo também referido em enunciados como “cuidados médicos”, “cuidados dentários”⁵. A psicanálise, tomando sua herança da medicina e assumindo o termo “tratamento” para expressar-se, in-

troduz, no entanto, uma certa torção na concepção dessa palavra. “Tratamento” ganha a significação de um desvelo pelo enfermo, e não pela enfermidade. À época do início da psicanálise, esse tratamento era inusual em relação à conduta terapêutica psiquiátrica de então, pois, contrariamente a ela, cuidava do enfermo e não da enfermidade. O cuidado que se dispensa ao enfermo não constituiria, já no entendimento freudiano, uma cortesia extra, exercendo efeitos benéficos sobre a cura de modo coadjuvante. Muito mais radicalmente, tal cuidado constitui-se parte integrante do tratamento. Num dos momentos em que Freud tematiza as diferenças entre o trabalho psicanalítico e o psiquiátrico, faz ele a seguinte observação a respeito da oposição dos médicos à psicanálise: “Talvez provenha [a oposição] de que os médicos se comprometem muito pouco com os neuróticos; ouvem com tão pouca atenção o que eles têm que lhes dizer que se alienam da possibilidade de extrair algo valioso de suas comunicações e, portanto, de fazer neles observações em profundidade” (Freud, 1916-17, *AE*: 224; *SB*: 290).

Ao utilizar a metáfora de profundidade, Freud designa aquilo que, não estando imediatamente dado, é, não obstante, o mais singular de um “sujeito” da análise. Isso conduz a uma boa compreensão do valor conferido à fala particular de cada neurótico. Aquilo que o neurótico relata (queixas de sintomas, sonhos, sofrimentos etc) é tomado como o aspecto mais peculiar de sua neurose, capaz de revelar seu “segredo”, a gênese, a constituição e a manutenção dessa neurose, abandonando-se a idéia de que a neurose constitui uma enfermidade independente daquele que a sofre e de sua história. Essa compreensão sustenta o modo próprio do cuidado, da atenção ao neurótico e à sua fala, ao que lhe é mais característico, como sendo qualificativo da psicanálise.

Freud (1919a) também chama *cura* o trabalho psicanálise na expressão “a cura analítica [*die analytische Kur*]”, quando afirma que “a cura analítica deve executar-se num estado de privação – de abstinência” (*AE*: 158; *SB*: 205, *AS*: 244). A “abstinência” é, como se sabe, derivação da regra fundamental da associação livre. Ela se refere ao modo específico do cuidado como trabalho psicanálise, um cuidado na abstinência e um cuidado de abstinência; por meio da abstinência, são indicadas as posições distintas nas quais a psicanálise se esforça para que analista e analisando se mantenham. Psicanálise é um trabalho, cuidado ou cura que se realiza na abstinência. Assim, o trabalho psicanálise não é qualquer forma de cuidado, mas o cuidado na abstinência.

Kur, termo traduzido como “cura” ou “processo”, diferencia-se de *Genesung*, mais especificamente traduzido como “cura”, significando o objetivo a que se

quer chegar para que alguém esteja efetivamente curado. Em psicanálise, toma-se também a “cura” (*Genesung*) no sentido de “finalidade”, ainda que, como já observado, tal finalidade não possa ser sequer oferecida como horizonte que, embora não se alcance, funcione como guia de direção do trabalho psicanálise. “Cura” (*Kur*), no entanto, tem o sentido de tratamento, se refere ao processo de tratamento, ao trabalho em sua execução. Assim, a última formulação de Freud mencionada mostra que a cura (*Kur*) a que ele se refere se revela como o trabalho psicanálise propriamente dito, e não como a sua finalidade, ainda que constitua também seu objetivo, isto é, o tratamento que se quer estabelecer. Deste modo, o trabalho psicanálise é também o esforço para que aconteça psicanálise. Ou seja, a cura como trabalho psicanálise – o seu processo – é o que se busca instalar a cada momento de uma psicanálise, constituindo o seu objetivo. Poder-se-ia aproximar essa significação de cura à de elaboração, tal como Freud a propõe em 1914(g). Derivado dessa compreensão, o “fim” – no sentido de término de uma psicanálise – ganha então o significado de *uma possibilidade de análise*, e não simplesmente o de uma meta a ser alcançada ou do horizonte em direção ao qual uma psicanálise caminha – uma psicanálise, ainda que se interrompam os contatos entre o analista e o analisando, não termina, sendo essa a questão precisa que Freud (1937c) discute em “Análise terminável e interminável”. Por outro lado, pode-se compreender que a finalidade não é um estado que, em dado momento, se alcança e, em conseqüência, interrompe-se uma análise; a finalidade de uma psicanálise é alcançar o trabalho psicanálise, cuidar para que ele prossiga. É somente nesse sentido que noções como as de resistência, reação terapêutica negativa e mesmo a de transferência podem ser compreensíveis como partes integrantes da análise e não um desvio ou erro seu, como “convidados indesejáveis”. Isso não é somente uma questão retórica: desconsiderando-se essa integração, não haverá psicanálise que se realize, não haverá tratamento psicanalítico que se efetue.

Até aqui, alcançou-se o seguinte resultado: psicanálise é ato, trabalho psicanálise. Esse trabalho é um tratamento específico de cuidado (dirigido ao “sujeito” da análise, mas também à instalação do trabalho a cada sessão, a cada associação, a cada interpretação etc); o cuidado em psicanálise é um cuidado particular, é um cuidado na abstinência e de abstinência; esse cuidado é cura – não somente como “fim-sem-findar” de uma psicanálise –, mas também processo, sempre e a cada vez em uma psicanálise. A interpretação da psicanálise como intencionalidade terapêutica mostra a perspectiva do trabalho psicanálise, que encontra na sua realização o seu objetivo; apontou-se, ainda, que nessa perspectiva não há sentido em se falar do término de uma psicanálise como *Genesung* – como cura a ser alcançada –, mas sim que faz sentido falar de sua permanência como trabalho de psicanálise.

Esse resultado deixa ainda intocadas as questões sobre o que se trabalha – o “objeto” do trabalho – e como se trabalha – isto é, o “método” do trabalho.

3. O “MÉTODO” E O “OBJETO” DO TRABALHO PSICANÁLISE

A “*análise*” de *psicanálise*. Para explicitar o que entende por análise, Freud (1919a) inicia seu argumento aproximando-se da análise química. Como nesta, a análise do trabalho psicanálise busca decompor em seus elementos fenômenos complexos – no caso, os sintomas, os sonhos, as idéias obsessivas etc. Trata-se, na psicanálise, de conduzir o paciente à análise de seus próprios fenômenos complexos (sobredeterminados, deslocados etc). A comparação com a análise química, no entanto, termina aí. Isso porque, em psicanálise, procura-se distinguir o trabalho de análise para marcar sua oposição a um trabalho de síntese. Não se deve – diz Freud explicitamente – construir sínteses para os analisandos, porque, assim agindo, se estaria próximo de um trabalho de sugestão⁶.

Porém o caráter analítico do trabalho psicanálise não impede a síntese. Nesse caso, ela é ou um trabalho secundário ou um trabalho não mais singular, mas genérico ou teórico, que se afasta do sentido de psicanálise que ainda estamos enfocando como trabalho de tratamento. Por exemplo, a síntese da interpretação de um sonho revela o *trabalho do sonho* – isso que constitui o que Freud designou, na *Interpretação dos sonhos*, de processos psíquicos inconscientes –, tendo o caráter “geral” de uma compreensão metapsicológica, em oposição à interpretação do sonho, que constitui, sempre, como trabalho de análise, um trabalho singular a cada sonho, a cada interpretação. Também se pode ensaiar a síntese de uma psicanálise; é no que Freud (1918b) repetidamente se empenha no *Caso Homem dos Lobos*. Nessa última possibilidade, a síntese é sempre parcial e, mesmo em sua máxima completude, é secundária, ou seja, derivada e posterior ao trabalho de análise, e não se constitui como seu objetivo. A síntese tem, nesse caso, o sentido prospectivo, mas... do já passado (isto é, da interpretação já realizada).

O “*psico*” de *psicanálise*. Psicanálise significa, como já se viu Freud mencionar anteriormente, análise psíquica. Dito assim, *psico* de “psico-análise” assume o aspecto de um qualificativo da análise: a análise de que se trata é psíquica; não é qualquer análise, mas uma análise, ela própria, de caráter psíquico. Portanto, nessa primeira interpretação, *psico* não indica o “objeto” que se analisa e nem a sua natureza, qualificando, isso sim, o “método” do trabalho – “método” esse que, rigorosamente, como foi visto no item anterior, se confunde com o trabalho. Trata-se, então, de um trabalho de natureza psicológica? Fala-se, aqui, de uma análise psicológica?

A resposta para essas questões não é simples e exige, mesmo para seu esboço, um percurso que não se vai realizar, agora, em sua totalidade. Neste momento, pretende-se indicar algumas balizas que marcam um caminho possível para articular, de maneira mais proveitosa, as últimas questões propostas.

Perguntar se o trabalho de que ora se trata é um trabalho de natureza psicológica é indagar se o tratamento que o caracteriza é uma psicoterapia. A resposta mais imediata para essa segunda pergunta é *sim*.

Freud (1905a) designa seu trabalho “psicoterapia”; o termo já foi citado acima: “método analítico da psicoterapia” (AE: 249; SB: 270; AS: 111). Trata-se, no entanto, de um caso particular de psicoterapia. No texto mencionado, Freud associa a psicanálise às diversas formas da psicoterapia, com o propósito de distinguir o modo psíquico de tratamento daquele que envolve processos de intervenção no corpo. Já na conclusão do *Caso Dora*, Freud (1905e) introduzira de maneira exemplar a mesma discussão, afirmando que a técnica terapêutica da psicanálise é puramente psicológica; a teoria, além de psicológica, estaria comprometida com apontar as bases orgânicas da neurose.

A respeito da caracterização do trabalho psicanálise como psicoterapia, Mezan (1995) desenvolve um argumento que se apóia numa contextualização da psicanálise quando de seu nascimento. O autor argumenta que, ao se tomar a afirmação freudiana de que a psicanálise é psicoterapia, deve-se levar em conta que Freud estava “inventando” a psicoterapia no sentido em que hoje ela é conhecida. Assim, sob esse pressuposto, deve-se considerar que, inversamente, psicoterapia é psicanálise. Ao se atentar para o que hoje se entende por psicoterapia, na afirmação mais acima – de que a psicanálise seria um caso particular de psicoterapia – é necessário que se assuma “caso particular” como elemento suficiente para separar a psicanálise da psicoterapia. De fato, e Mezan assim o desenvolve, a psicanálise não se confunde e nem se aproxima em natureza de quaisquer das formas hoje conhecidas de psicoterapia. É imperativo levar-se em consideração exatamente o fato de a psicanálise ter sido “fonte”, ou, melhor dizendo, fator de legitimação para a constituição das formas de psicoterapias, de terapias psíquicas que hoje se conhecem.

O que se desenvolveu anteriormente leva de maneira indutiva a responder negativamente à questão-origem do problema discutido. Ou seja, a natureza da análise do trabalho psicanálise não é psicológica, não se trata de uma análise psicológica.

Psicanálise não se confunde com psicologia. Em “psicanálise” não se grafa *logia*; psicanálise não se estabelece como *logos*, isto é, como discurso coerente, auto-controlado e auto-fundamentado⁷. Independentemente da interpretação

qualificada do discurso como *logos* que se acabou de sugerir (e que agora não se justifica desenvolver), o trabalho psicanálise como cuidado e cura não se define como *discurso*, mas, em vez disso e justamente, como análise. Isto é, “análise”, e não “*logia*”, é o suporte da psicanálise.

A análise de que se trata em psicanálise não é psicológica, pois o trabalho de análise, sendo específico, pretende situar-se além do psicológico – se por psicológico for entendido o discurso sobre a experiência ou a consciência⁸. De qualquer maneira, essa questão somente pode encontrar uma elucidação mais adequada se caracterizado o que Freud avoca quando escreve “*Psyche*”.

Quando se diz que em psicanálise se analisam os sintomas, os sonhos, as falhas da fala do paciente; quando se afirma que o trabalho psicanálise é o cuidado em acolher o que o neurótico conta, em receber a sua fala para se alcançar o que há de profundo, está-se indicando um campo próprio para o trabalho de análise. É dessa maneira que *psico* de psicanálise aponta para a qualidade não somente do “método”, como se discutiu até aqui, mas do campo de trabalho, daquilo onde se trabalha e com que se trabalha. O trabalho psicanálise se realiza no âmbito psíquico.

Já em 1890 – antes, portanto, de se constituir tematicamente a psicanálise –, Freud escrevia:

“Psique” [*Psyche*] é uma palavra grega que em alemão se traduz “*Seele*” [“alma”]. Assim sendo, “tratamento psíquico” [*Psychische Behandlung*] é o mesmo que “tratamento da alma” [*Seelenbehandlung*]. Poder-se-ia crer, então, que por tal se entende tratamento dos fenômenos patológicos da vida anímica. Mas não é este o significado da expressão. “Tratamento psíquico” quer dizer, mais propriamente, tratamento desde a alma – seja de perturbações anímicas ou corporais – com recursos que de maneira primeira e imediata influem sobre o anímico do homem (1890a, AE, 1: 115; S, 7: 297; AS, *Ergänzungsband* (volume complementar): 17).

Deve-se observar, de início, que Freud utiliza dois termos e seus derivados quando nomeia o seu “objeto”, ou o seu campo de trabalho: *Psyche* e *Seele* usados como sinônimos. Ele não se refere à consciência no sentido dos filósofos, não é de “mente” como algo ligado ao pensamento ou à intelectualidade que se trata, mesmo que a edição inglesa das obras de Freud assim insista em traduzir *Seele* (aspecto levado adiante pela edição brasileira da Imago, que foi, em sua primeira versão, tradução direta da inglesa).

Hanns (1996: 332ss) também afirma que Freud emprega esses dois termos como sinônimos; no entanto, aquele autor discute como os significados e as conotações de *Psyche* e *Seele* não se confundem totalmente em alemão. Assim,

psique, psiquismo (*Psyche*) ou psíquico (*psychische*) têm, como em português, um significado técnico que não abrange a totalidade dos sentidos de alma (*Seele*) ou anímico (*seelische*), possuindo, ainda, acepções que não são próprias a *Seele*. *Seele*, em uso literário e coloquial, nos quais Freud sempre se apoiou, “enfeixa simultaneamente as noções de intelecto, sentimento e chama vital” (idem: 333), sem ter, contrariamente ao que acontece em português, um sentido animista ou religioso. Dessa forma, a oscilação de Freud entre os dois termos parece trazer para a psicanálise tanto um significado técnico como uma conotação do senso comum sobre o que seria o espírito, sem um acento religioso ou animista do que constituiria o seu material de trabalho.

O aspecto de “material” de trabalho merece ser destacado. Na citação freudiana mais acima, chama atenção o entendimento de que *psico* em “psico-análise” não nomeia primariamente o alvo do trabalho de análise – aquilo que com ele se quer alcançar –, mas a partir do que se trabalha, a matéria do trabalho, aquilo com o que se trabalha. Esse termo – *psico* – designa, também, a qualidade psíquica dos recursos que são utilizados para o trato do psíquico, da alma, para influir sobre o anímico.

De fato, a análise parte da narrativa do sonho, do sintoma, dos atos falhos. Como se viu acima, o trabalho psicanálise caracteriza-se pela atenção dada à fala do neurótico, dela se originando e a ela se atendo. O trabalho psicanálise tem seu início na fala do neurótico e assume como campo de trabalho essa mesma fala para alcançar fenômenos psíquicos – como, por exemplo, as fantasias e os desejos –, mas também fenômenos corporais, o sintoma conversivo e, até mesmo, os modos característicos da satisfação sexual dos analisandos, ou seja, suas atitudes.

Bem cedo (1890) Freud delimitou e caracterizou o que entende por “tratamento psíquico”: é tratamento que parte do anímico e se utiliza de recursos anímicos – recursos esses que acabam por influenciar o próprio anímico. Mas a ascendência sobre o anímico do homem, acompanhando-se essa última citação de Freud, é a primeira influência; outras não estão descartadas, ainda que não sigam nomeadas. Está aí implicado, no entanto, que a influência sobre o anímico é o meio (a mediação) para se alcançar outras “realidades”.

Psico de psicanálise, portanto, se refere ao anímico do qual se parte, da qualidade dos recursos que se utilizam e do anímico que se influencia – trabalhando-se psicicamente o anímico, modifica-se a alma. Resumem-se, assim, os significados de *psico* que se elucidaram: trata-se do qualificativo da análise e do material (a partida, o meio e o objeto) que se analisa. Pode-se, então, entender que “psicanálise” exprime: tratamento (cuidado, cura) analítico de perturbações anímicas e corporais que se dá a partir, e por meio, da psique (alma, fala).

Se, neste texto, foram feitas diversas aproximações do sentido da psicanálise como trabalho e especificados alguns de seus aspectos, resta, no entanto, dizer como concretamente se dá esse trabalho, caracterizando os seus termos de modo concreto e não somente formal – não basta, para definir o trabalho psicanálise, a determinação do seu fim, seu “objeto” e seu procedimento, ainda que tais passos sejam necessários. Para que se alcance a concretude do trabalho psicanálise, a sua demonstração deve partir e permanecer na regra fundamental que o guia, a *associação livre*. Esse extenso trabalho não cabe em um único artigo. Será objeto de outras aproximações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Canguilhem, G. (1973). O que é a psicologia. *Tempo brasileiro – Epistemologia* 2, Rio de Janeiro, jul.-dez./72, 30/31 (109), 104-123.
- Celes, L. A. (1988). Psicanálise e psicologia. Em Figueira, S. A. (Org.). *Efeito Psi – a influência da psicanálise* (pp. 67-77). Rio de Janeiro: Campus.
- . (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do Caso Dora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- . (2004). A questão pelo sentido da psicanálise. Brasília, UnB, apostilha de aula, inédito, 4ª edição.
- Figueiredo, L. C. (1986). Reflexões acerca dos projetos de psicologia como ciência independente. *Psicologia*. São Paulo, 12 (3), 1-9.
- . (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- . (1992). A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação – 1500-1900. São Paulo: Escuta/Educ.
- . (1995). *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: Escuta/Educ.
- . (1996). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo / Petrópolis (RJ): Educ / Vozes, 2ª edição revista e ampliada.
- Freud, S. (1890a). Tratamiento psíquico (tratamiento del alma). *AE*, 1: 115; *SB*, 7: 297; *SA*, *Ergänzungsband* (volume complementar: 17).
- . (1896a). La herencia y la etiología de las neurosis. *AE*, 3: 139ss; *SB*, 3: 165ss.
- . (1896b). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. *AE*, 3: 157ss; *SB*, 3: 187ss (“Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen”, *GW*, 1: 379).
- . (1900a [1899]). La interpretación de los sueños. *AE*, 4-5; *SB*, 4-5; *AS*, 2.

- . (1905a [1904]). Sobre psicoterapia. *AE*: 7: 243ss; *SB*: 7: 267ss (Título em alemão: “Über Psychotherapie”, *AS*, *Ergänzungsband* [volume complementar]: 107ss.
- . (1913c). Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis I). *AE*, 12: 121; *SB*, 12: 164. (Título em alemão: “Zur Einleitung der Behandlung – Weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse, I”, *SA*, *Ergänzungsband* [volume complementar]: 181).
- . (1914g). Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II). *AE*, 12: 145; *SB*, 12: 193.
- . (1916- 1917). Conferencias de introducción al psicoanálisis. *AE*, 15 e 16; *SB*, 15 e 16.
- . (1918b [1914]). De la historia de una neurosis infantil. *AE*, 17:1ss; *SB*, 17: 19ss; *SA*, 8: 125ss.
- . (1919a [1918]). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. *AE*, 17: 155ss; *SB*, 17: 201ss (Título em alemão: “Wege der psychoanalytischen Therapie”, *SA*, *Ergänzungsband* [volume complementar]: 239.
- . (1925e [1924]). Las resistencias contra el psicoanálisis. *AE*, 19: 223ss; *SB*, 19: 265ss.
- . (1937c). Análisis terminable y interminable. *AE*, 23: 211ss; *SB*, 23: 247ss.
- FREUD, S. e BREUER, J. (1895d). Estudios sobre la histeria. *AE*, 2; *SB*, 2.
- HANNS, L. (1995-1996). Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago. *Langenscheidts Großes Schulwörterbuch Deutsch – Französisch*. Berlin und München: Langenscheidt KG.
- LAPLANCHE, J. (1999). *Entre séduction et inspiration : l’homme*. Paris: QUADRIGE/PUF.
- MEZAN, R. (1995). *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed.
- VAZ, H. C. L. (1974). O *ethos* da atividade científica. *REB — Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 133 (34), 45-73.

NOTAS

- ¹ O presente artigo é resultado parcial de pesquisa financiada pelo CNPq. Este é o segundo artigo de uma série de outros que refletem sobre o sentido da psicanálise. O primeiro discute a conveniência e oportunidade d’“A questão sobre o sentido da psicanálise”; esse artigo está, até o presente momento, inédito. Os seguintes abordam os diversos aspectos do sentido da psicanálise como prática e conhecimento e serão em breve encaminhados para publicação. Este e os outros textos pertinentes, além de apresentarem a pesquisa mencionada, têm um

caráter didático – foram inicialmente formulados como apostilas de cursos de graduação e de pós-graduação.

- ² Também se formula daí que o sentido ético mais originário da psicanálise pode e deve ser buscado no seu modo terapêutico de inserção na sociedade. Nessa perspectiva de ética das disciplinas psicológicas clínicas e, dentre elas, da psicanálise, sugiro leitura dos textos do professor Luís Claudio Figueiredo, que as situa no confronto entre as demandas pelas práticas clínicas psicológicas socioculturais e historicamente constituídas e as “respostas” que essas mesmas práticas clínicas, assim estabelecidas, oferecem. Em particular, os livros: Figueiredo (1992, 1995, 1996).
- ³ Ver, por exemplo, Freud (1896a e 1896b); infelizmente, essas obras não estão publicadas na edição alemã *Studienausgabe*.
- ⁴ Na referência freudiana indicada por esse autor, em “Sobre psicoterapia”, a passagem por ele citada não foi encontrada, ainda que seu sentido esteja presente no texto.
- ⁵ *Langenscheidts Großes Schulwörterbuch Deutsch – Französisch*.
- ⁶ Laplanche (1999: 238) sugere a necessária síntese que o ego vai construindo ou reconstruindo à medida que a análise desconstrói. Essa é uma perspectiva interessante, uma vez que parece vir ao encontro do inacabado, do sem-fim, no qual se constitui uma psicanálise. No entanto, tal perspectiva pode levar a considerações muito mais amplas e críticas; elas não serão aqui desenvolvidas, pois extrapolam os objetivos deste texto.
- ⁷ Sobre a característica do *logos* como discurso auto-controlado e auto-fundante, ver Vaz (1974).
- ⁸ Ver, a respeito dessa compreensão do que seja o psicológico, Figueiredo (1986).

Recebido em 10 de maio de 2005

Aceito para publicação em 10 de agosto de 2005